



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE NOVA ANDRADINA  
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS**

**TRADUÇÕES DOMESTICADORAS:  
O QUE ELAS ESCONDEM?**

**Letícia de Fátima Dias Vedekin de Oliveira**

**NOVA ANDRADINA – MS**

**2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE NOVA ANDRADINA  
CURSO DE LETRAS – PORTUUGÊS/INGLÊS**

**TRADUÇÕES DOMESTICADORAS:  
O QUE ELAS ESCONDEM?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS, como requisito final para a obtenção do título de Licenciada em Letras – Português/Inglês.  
Professor Orientador: Esp. Nazir José Salomão

**Letícia de Fátima Dias Vedekin de Oliveira**

**NOVA ANDRADINA – MS  
NOVEMBRO DE 2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS - PORTUGUÊS/INGLÊS**

**Leticia de Fátima Dias Vedekin de Oliveira**

**TRADUÇÕES DOMESTICADORAS:  
O QUE ELAS ESCONDEM?**

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

**Orientador Prof. Esp. Nazir José Salomão  
UEMS**

---

**Prof<sup>a</sup>. MSc. Eliane Maria Giacon  
UEMS**

---

**Prof<sup>a</sup> Dr. Cláudia Sabbag Ozawa Galindo  
UEMS**

OLIVEIRA, Letícia de Fátima Dias Vedekin de  
Traduções domesticadoras: o que elas escondem?/  
Letícia de Fátima Dias Vedekin de Oliveira. Nova Andradina;  
UEMS, 2011.

Bibliografia

Trabalho de Conclusão de Curso — Letras Habilitação  
Português/Inglês — Universidade Estadual do Mato Grosso do  
sul.

1. Tradução 2. Língua Inglesa

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho a todos  
que me ajudaram à realizá-lo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à(s):

Deus pelas bênçãos recebidas;

meus pais, Alirio e Izaura, pelo apoio, incentivo e amor incondicional;

meu irmão, por me dar força e incentivo;

minhas irmãs, por me desafiar em não desistir;

minha cunhada, cunhados, e sobrinhos pelo carinho e confiança;

minha avó, por me dar proteção divina extra através de suas orações;

meu namorado, pela atenção e paciência, a sua família que nos acompanharam durante todo o curso aconselhando e apoiando;

amigas Cleia, Marlei e Fer, pelo companheirismo;

minha patroa, patrão e colegas de trabalho, pela compreensão e auxílio nesta fase importante.

Em especial ao Prof. Orientador, Nazir Jose Salomão, por me incentivar e ajudar na construção deste trabalho;

Sem deixar de mencionar os mestres que me inspiraram a seguir, por seu exemplo e dedicação;

Meus agradecimentos especiais à Prof<sup>a</sup>. Eliana Maria de oliveira Giacon e à Prof<sup>a</sup>. Cláudia Sabbag Ozawa Galindo, por me acolher quando mais precisei.

**“Anyone who stops learning is old, whether at twenty or eighty. Anyone who keeps learning stays young. The greatest thing in life is to keep your mind young.”**

*Harrison Ford*



**RESUMO:** O presente trabalho tem como principal finalidade discutir a tradução *domesticadora*, que “[...] assimilam de modo muito violento textos literários estrangeiros aos valores dominantes locais, apagando o ar de estrangeiridade que foi provavelmente o que motivou a tradução.” (VENUTI, 2008, p.17), tendo como foco principal o livro de Lawrence Venuti – *Escândalos da Tradução* (2002), adentrando em alguns exemplos e analisando o que a tradução *domesticadora* faz com esses textos. Luana Ferreira de Freitas em *Visibilidade Problemática em VENUTI* (2008) diz que na tradução *domesticadora* o [...] “tradutor que busca priorizar a intenção do autor adaptando-a para a cultura local por meio do apagamento de quaisquer traços que possam, porventura, causar estranhamento ao leitor.” [...] “Na visão de Venuti, a tradução consiste em transformar o original, e essa transformação implica necessariamente uma mudança, já que o tradutor imporá sua leitura, criando uma outra rede de significados. O significado em Venuti não existe como um elemento isolado, completo, mas sim enquanto um construto determinado política e socialmente. Tanto o significado quanto a interpretação se moldam à bagagem intelectual do autor e do tradutor, as suas crenças teóricas e filosóficas e têm como limite o condicionamento do pensamento político e ideológico de cada sociedade.” (FREITAS, 2008, p. 2), ou seja, a cultura incutida no texto original se perde na tradução, quando ocorre a domesticação.

**Palavras-chave:** Tradução, Escândalos da tradução, Teoria Domesticadora.

**ABSTRACT:** The present work has as main purpose to discuss the translation domesticating, with the main focus of the book Lawrence Venuti - Scandals of Translation (2002), in some instances entering and analyzing what makes the translation domesticating these texts. Luana Ferreira de Freitas in Visibility Problems in Venuti (2008) says that the [...] domesticating in the translation "translator seeking to prioritize the author's intention adapting it to local culture through the erasure of all traces that could perhaps cause surprise to the reader." [...] "In view of Venuti, a translation is to transform the original, and this transformation necessarily implies a change, since the translator will impose his reading, creating a network of other meanings. The meaning in Venuti does not exist as an isolated element, complete, but as a politically and socially determined construct. Both the meaning and interpretation to shape the intellectual baggage of the author and translator, its theoretical and philosophical beliefs have as limit the conditioning of political thought and ideology of each society." (FREITAS, 2008, p. 2), in other words, the culture inculcated in the original text is lost in translation, when there is domestication.

Keywords: Translation, Scandals of Translation, Theory domesticating.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPITULO I .....	12
1. Vendendo o Produto .....	12
1.2. Lawrence Venuti e a teoria domesticadora .....	13
1.3 Outras Formas de se pensar tradução .....	16
CAPITULO II .....	18
2. <i>Escândalos da Tradução</i> .....	19
2.1 Domesticando Nomes .....	19
2.2 Inventando Vocabulários .....	23
2.3 Domesticando a Bíblia.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

## INTRODUÇÃO

Ao ler ou assistir a um filme estrangeiro, traduzido ou dublado, nota-se a presença dos fatores culturais e lingüísticos brasileiros neles, presente tanto nos nomes dos personagens, das comidas típicas, expressões idiomáticas, entre outros elementos; o texto original se transforma em outro pela adaptação de significados opostos aos do original.

Neste sentido a proposta para este trabalho é: conceituar algumas formas de se fazer a tradução, através da discussão de teóricos como Orlandi, Bassnett, Campos; mas focando em Venuti e sua teoria de tradução domesticadora. Não se espera trazer uma solução para erradicar a tradução domesticadora ou um modo correto de traduzir, este

trabalho virá discutir as formas de tradução e o que ela influencia na cultura e na língua do público receptor do texto traduzido.

Para tanto o trabalho se dividirá em três capítulos:

No capítulo I serão discutidas as formas de tradução e seus principais seguidores, bem como um paralelo entre elas.

No capítulo II o foco do trabalho se volta para a discussão destas teorias na prática, ou seja, ao estudo de exemplos de traduções domesticadoras e onde elas mais ocorrem deve se deixar claro que foram escolhidas duas formas principais para ilustrar os exemplos neste capítulo, nomes e criação de vocabulários; mas a ocorrência deste tipo de tradução – a domesticadora – segue por vários outros caminhos.

## CAPITULO I

### 1. Vendendo o Produto

Computadores, *internet*, interação mundial á um *click* de distancia, isso indica a Globalização, com ela a maioria das coisas como: aspectos culturais, pessoas, produtos, livros, a língua estrangeira; estão mais próximos a cada século. Entretenimento a perder de vista, ao alcance das mãos e todos os outros membros. Isso leva ao Capitalismo e conseqüentemente ao aumento de vendas para o exterior, um ótimo empreendimento para os países capitalistas que querem aumentar os negócios.

Além do dinheiro por trás de tudo isso está à língua; que possibilita toda essa movimentação. Há muito tempo a pergunta feita por centenas de empresários estrangeiros foi: “como fazer com que os estrangeiros comprem nossos produtos?”

Assistam a nossos filmes? Leiam nossos livros?”, a resposta esta na Língua, o maior produto a venda hoje é a Língua, ou melhor, o domino sobre varias Línguas, e quem as domina, domina o mercado. E os ditos empresários estão muito interessados em dominar o mercado, então fazem contato com essas pessoas aqui no Brasil, por exemplo, que podem comprar e revender os produtos deles. Já deve ter percebido que isso tudo leva a tradução! É, a tradução!

A situação financeira do país não permite que grande parte da população tenha acesso a língua estrangeira plenamente, por isso essa maioria da massa popular é quem movimenta o mercado da tradução no Brasil. Por quê? Exatamente por não ter esse conhecimento poliglota é que as pessoas procuram as traduções, para ficar a par dos acontecimentos ao seu redor. Outro fator é a curiosidade, a busca pelo novo, pelo diferente, pelo que a mídia leva multidões a procurar por um produto. A internet, o rádio, a TV fazem mais e mais propagandas de produtos estrangeiros. No entanto nota-se “um jeitinho brasileiro” em todos eles, mesmo que o seu nome tenha cinco consoantes juntas, um som gutural na pronuncia da silaba do meio e uma sopradinha do “th” no final. A mídia consegue trazer isso para bem perto da realidade do falante consumidor, o que esta sendo induzido a comprar os produtos.

## 1.2. Lawrence Venuti e a teoria domesticadora

Lawrence Venuti, que há muito vem se dedicando para a ascensão tradutória, e contra a chamada tradução domesticadora, que mascara o texto original com assimilações da cultura onde o texto será traduzido, pode-se dizer então que a dita marca é “domesticada”, ou seja, eles, os interessados na venda do produto, transformarão a pronuncia da marca para algo mais familiar aos ouvidos dos consumidores, como algumas vogais entre as consoantes e um “efe” no som do “th”.

A respeito disso, Venuti em *Escândalos da Tradução* (2008) diz que:

A estética popular requer traduções fluentes que produzam um efeito ilusório de transparência, isso significa aderir ao dialeto-padrão corrente, ao evitar qualquer dialeto, registro ou estilo que chame atenção de palavras como palavras e, portanto, que frustra a identificação do leitor. (VENUTI, 2008 p. 29)

A população atualmente exige uma linguagem fácil e simples o que sugere esse tipo de ilusão na tradução. Venuti (2008) chama esse fenômeno de “tradução domesticadoras”, que pelo termo entende-se a definição: “[...] traduções domesticadoras que assimilam de modo muito violento textos literários estrangeiros aos valores dominantes locais, apagando o ar de estrangeiridade que foi provavelmente o que motivou a tradução.” (VENUTI, 2008, p.17). Ou seja, uma tradução que dá ao leitor uma visão de sua própria cultura incutida no produto estrangeiro.

Ele continua:

Como resultado, a tradução fluente pode capacitar um texto estrangeiro a envolver uma massa de leitores, mesmo com um texto de uma literatura estrangeira excluída, [...] mas essa tradução, ao mesmo tempo, reforça a língua maior e suas tantas outras exclusões lingüísticas e culturais, enquanto mascara a inscrição dos valores domésticos. (VENUTI, 2008 p. 29).

E quando ele diz que *reforça a língua maior* é exatamente o que a mídia quer: quanto mais produtos estrangeiros sejam exportados, maiores o lucro e o prestígio do país.

As traduções em outras palavras inevitavelmente realizam um trabalho, de domesticação. Aquelas que funcionam melhor, as mais poderosas em recriar valores culturais e as mais responsáveis para responder por tal poder, geralmente engajam leitores graças às palavras domesticadas que foram de certo modo desfamiliarizadas e se tornaram fascinantes devido a um embate revisório com o texto estrangeiro. (VENUTI, 2008, p. 18)

Ao dizer *recriar valores culturais*, Venuti

O exemplo da marca fictícia dada acima demonstra exatamente isso: o consumidor compra o que lhe agrada aos sentidos, mas até que ponto os tradutores estão domesticando as traduções? Esse texto traduzido terá o mesmo sentido, seguirá a mesma linha do original? Qual é a influência que o tradutor transmite em sua tradução?

Levando em consideração que as perguntas acima estão em pauta há muito tempo, nos Estudos da Tradução, em uma discussão a plenos pulmões para tentar descobrir a forma correta do verdadeiro tradutor, colocar-se-á em debate os tópicos acima para um maior esclarecimento.

É Venuti (2008) cuja linha de pesquisa representa uma forte corrente contra as traduções domesticantes, criticando esse modo de tradução como uma alteração de seu estado original:

Uma tradução sempre comunica uma interpretação, um texto estrangeiro que é parcial e alterado, suplementado com características peculiares a língua de chegada, não mais

inescrutavelmente estrangeiro, mas tornado compreensível num estilo claramente doméstico. (VENUTI, 2008, p.18)

Isso significa que quando se traduz um texto, o tradutor o aproxima de sua língua, ou seja, alterando de uma forma ou de outra seu estado original. Haroldo de Campos em seu livro “Metalinguagem e Outras Metas” (2010) cita Albercht Fabri<sup>1</sup>, em seu artigo “Preliminares a uma Teoria da literatura” no qual discute a tradução “*como criação e com crítica*”<sup>2</sup> ao que descreve o ato de traduzir como:

A tradução supõe a possibilidade de se separar sentido e palavra o lugar da tradução seria assim “a discrepância entre o dito e o dito”. A tradução apontaria, para Fabri, o caráter menos perfeito, menos absoluto (menos estético poder-se-ia dizer) da sentença, e é nesse sentido que ele afirma que “toda tradução é crítica”, pois “nasce da deficiência da sentença”, de sua insuficiência para valer por si mesma. [...] “tanto a possibilidade como a necessidade da tradução residem no ato de que entre signo e significado impera a alienação”<sup>3</sup>. (FABRI, *apud* CAMPOS, 2010, p.32)

A citada “*discrepância do dito e o dito*”, segundo o dicionário de sinônimos, é a aversão, desconexão, oposição [...] do texto original e do texto traduzido. Então se tem a “deficiência da sentença” onde os dois divergem para caminhos opostos. Dois textos diferentes sob a mesma forma. Isso leva a outra questão: quais são os critérios de tradução utilizados pelos tradutores? Venuti explica que há algumas questões éticas ainda a serem discutidas e a “simples identificação de um escândalo de tradução é um ato de julgamento: [...] pressupõe [-se] uma ética que reconhece e procura remediar as assimetrias no ato tradutório, uma teoria de métodos bons e ruins para praticar e estudar a tradução.” (VENUTI, 2008, p.19). Ou seja, os próprios tradutores estão cientes do risco da tradução e suas repercussões éticas, caso utilizem modos errôneos os métodos de tradução. Ele prossegue:

E a ética em questão deve ser teorizada como contingente um ideal baseado em situações culturais específicas nas quais os textos estrangeiros são escolhidos e traduzidos ou nas quais as traduções e o ato de traduzir são feitos objetos de pesquisa. (VENUTI, 2008, p. 19)

---

<sup>1</sup>Professor da Escola Superior da Forma, Alemanha. Artigo escrito para a revista *Augenblick* nº 1958.

<sup>2</sup>Titulo do segundo capítulo do livro de Campos (2010) *Metalingüística e Outras Metas*.

<sup>3</sup>Alienação segundo o dicionário de Língua Portuguesa significa: afastamento, alheamento, loucura...

Venuti cita também os resíduos; para ele a língua não é um instrumento apenas para a simples comunicação, mas sim um instrumento de poder, no qual, se encontram dialetos “variáveis menores”; dentro da língua maior, considerados “variáveis maiores”, há aqui uma variável de poder que controla a variável menor, a que é controlada, mas nem por isso deixa de existir. Á essa Venuti chama de resíduo, e são esses resíduos que são encontrados em alguns textos domesticados, “portanto, um texto literário nunca pode simplesmente expressar o significado pretendido pelo autor [tradutor] num estilo pessoal.” (VENUTI, 2002, p.25)

“Deve ficar claro que, se estou combatendo a invisibilidade do tradutor com a idéia de que a tradução é uma prática social que envolve um trabalho de transformação extremamente complicado, não chego a elevar o tradutor ao status de outro autor que seja a origem fixa e transcendental da tradução e que desta forma concorra com o autor estrangeiro ou o supere. Minha análise, ao contrário, propõe que a atividade do tradutor, assim como a do autor estrangeiro, é moldada por determinações sociais das quais eles podem ou não estar cientes, materiais lingüísticos, literários e históricos que constituem seus textos e podem muito bem provocar significações além de suas intenções.” (VENUTI, [1986] 1995 *Apud* FROTA, sem ano, p. 3)

Venuti comenta acima que, mesmo sem se dar conta o autor domestica os textos traduzidos através dos resíduos de sua própria língua, que podem ser “jargões, clichês, slogans” (p. 24), expressões, gírias... Que tornam o texto mais próximo da realidade do tradutor e se distancia da realidade do texto original.

### **1.3 Outras Formas de se pensar tradução**

Em contrapartida há autores como Susan Bassnett (1993), que creditam que a tradução é uma “leitura interlingual” ou “leitura-tradução” e diz:

Ninguém pode negar que os produtos da tradução não sejam o resultado de um conceito de tradução cuidadosamente determinado, concebido com uma função precisa em mente, [...] todos os tipos de critérios diferentes vêm a tona durante o processo da tradução e todos necessariamente envolvem mudanças de expressão, à medida que o tradutor se esforça para combinar sua própria leitura pragmática com as imposições do sistema cultural [...] (BASSNETT, 1993, 139)

Bassnett acredita que a tradução é feita de forma espontânea através da leitura do texto original, no qual o tradutor lhe atribui a tradução segundo sua perspectiva na



leitura, segundo ela isso se dá pelo fato do tradutor ser o primeiro leitor, e com a experiência desenvolvida sobre o que aquilo pode significar para os futuros leitores. Voltando para a citação retirada de Venuti “a tradução fluente pode capacitar um texto estrangeiro a envolver uma massa de leitores, [...]” (2008, p.29). E Bassnett finaliza satirizando que a tradução que “traí, diminui, reduz, perde parte da original, [...] ou que a poeticidade se perde e que determinados autores são ‘intraduzíveis’, são afirmações despidas de confirmação prática” (p. 140).

Sua linha de pesquisa dentro dos Estudos da Tradução é pela Teoria dos polissistemas; o leva para Lucília Teodora Villela de Leitgeb Lourenço (2006) em sua dissertação de mestrado *Tradução e Estudos Culturais; Estudo da Tradução Brasileira de The Bluest Eyes , de Toni Morrison*. No qual descreve a trajetória dos Estudos da Tradução. Segundo ela essa disciplina começou a ser relevante em meados da década de 70, ela cita Even-Zohar em seu ensaio *Polyssistem Theory* (1979) para descrever a primeira fase, envolvendo a Teoria de Polissistemas: “[...] correlações entre elementos individuais uns com outros e irreconhecíveis entre si, formando então sistemas alternativos de opções antagonistas.” (EVEN-ZOHAR, *apud* LOURENÇO, 2006, p. 53). O polissistema ainda ajuda na compreensão de “fenômenos literários num dado tempo e espaço”, por compreender uma tradução que parte do centro do texto para sua periferia e vice versa, chamado por ela de: “movimento centrífugo versus centrípeta [...] num procedimento diacrônico”, pode-se dizer então, que uma tradução que parte do foco principal do texto original e, a partir daí, se volta para as periferias, a parte complementar do texto, ou seja, uma tradução por encadeamento dos sistemas utilizados para fazê-la.

A segunda e a terceira fase dos estudos estão ligadas a um tipo de tradução metafórica Lourenço (2006) explica que: “essa fase concebe a tradução como uma das variáveis dos processos da manipulação textual, em que o conceito de fidelidade é substituído pelo conceito de pluralidade e a ‘originalidade’ é desafiada por outros pressupostos mais abrangentes, de ordem cultural” (EVEN-ZOHAR, *apud* LOURENÇO, 2006, p. 50 -53), a pluralidade nesse caso, são as várias traduções ou interpretações que se tira de um mesmo texto, pelo tradutor.

Outra autora que segue o conceito defendido por Bassnett é Rosemary Arrojo (1992), ela diz que “Qualquer tradução, por mais simples que seja, traz consigo a marcas de sua realização: o tempo, a história, as circunstâncias, os adjetivos, e a perspectiva de seu realizador.” Independente da tradução que seja feita o tempo presente

da tradução não é considerado, para Arrojo independente desse fator, o tempo, [...] “qualquer tradução denuncia sua origem numa interpretação, ainda que seu realizador não a assuma como tal. Nenhuma tradução será, portanto ‘neutra’ ou ‘literal’; será sempre e inescapavelmente, uma leitura.” (ARROJO, *Apud*, LOURENÇO, 2006, p. 59).

Para a autora as várias interpretações feitas durante a leitura, incapacitam a mesma de ser qualificada como única ou domesticadora, por sua originalidade subentendida no próprio texto.

Eni Orlandi em *O que é lingüística?* (1989) apresenta sua contribuição para os estudos da tradução, apesar de Análise do Discurso ser sua linha de pesquisa, ela traça um paralelo de aproximação entre ambas as disciplinas e aponta que “a constituição dos processos de significação’ é ‘questão crucial’ para a análise do discurso. E que ‘não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos”<sup>4</sup>.

Aqui exemplificando como a tradução trabalha em um texto, onde o significado e sentido andam juntos para o entendimento do mesmo, na qual caracteriza a diferença entre o autor e o leitor:

- a) um autor onipotente, cujas intenções controlassem todo percurso da significação do texto;
- b) a transparência do texto, que diria por si toda (e apenas uma) significação; e, ainda;
- c) um leitor onisciente, cuja capacidade de compreensão dominasse as múltiplas determinações de sentidos que jogam em um processo de leitura. (ORLANDI, 1988, p. 10-11)

Ao traçar o paralelo entre os vários tipos de traduções esperou-se responder as questões feitas no início do capítulo que giravam em torno das maiores preocupações com o texto original em relação o texto traduzido.

No próximo capítulo, serão mostrados na prática, as discrepâncias de traduções em alguns trechos de diferentes textos.

## CAPITULO II

---

<sup>4</sup> Artigo feito por FROTA Maria Paula, A Interpretação na Análise de Discurso e nos Estudos da tradução, sem ano, para a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

## 2. Escândalos da Tradução<sup>5</sup>

“Os escândalos da tradução são culturais, econômicos e políticos.”

(VENUTI, 2002, p. 9)

Os Escândalos da Tradução se manifestam onde e quando menos se espera; o tradutor não consegue se desvincular de sua cultura e trabalhar imparcialmente, já que o motivo da tradução é apresentar um texto em sua forma pura. Para Venuti, “a tradução [domesticadora] consiste em transformar o original, e essa transformação implica necessariamente uma mudança, já que o tradutor imporá sua leitura, criando uma outra rede de significados.”

Venuti apresenta o conceito de *consumibilidade*, esse conceito vê a tradução como mercadoria que necessita de simplicidade em sua forma, para alcançar o maior número de leitores possível. “A consumibilidade venutiana é uma imposição do mercado exigida por revisores, críticos, editoras e leitores. Em outras palavras, o tradutor tem como limite a aceitação social de seu trabalho” (VENUTI *Apud* FREITAS, 2008, p. 2 - 4).

É nesse ponto que aparecem os escândalos de tradução, em nomes próprios, como de países, ou personagens ou até mesmo produtos de beleza. O texto doméstico está com raízes tão profundas que estão fazendo o inverso, ao invés de adaptar o texto estrangeiro para a cultura brasileira, alguns autores como Mauricio de Sousa — criador da turma da Mônica — traduzir seus quadrinhos para o inglês e também para o espanhol. Para tanto ele teve que fazer algumas alterações.

### 2.1 Domesticando Nomes

Os nomes dos personagens foram adaptados para o inglês:

Monica's Gang, é formado por:

Monica – Mônica

Jimmy-Five - Cebolinha

Smudge – Cascão

---

<sup>5</sup> título do livro de Venuti (2002) no qual ele revela as discrepâncias ocorridas com as traduções discutidas.

Maggy – Magali

Blue – Bidu

Pitheco – Piteco

Bug-a-booo – Fantasminha

Os nomes adaptados dão a idéia e o sentido para os estrangeiros entender a relação nome-personagem.

Não é o caso de Harry Potter e a constante adaptação de nomes em sua serie de livros, nos trechos retirados do livro *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*) da autora britânica Joanne K. Rowling publicado em 1997 pela editora ROCCO. Os aspectos interessantes foram sublinhados, onde se encontram os fatores domésticos a serem discutidos nesse tópico.

Inglês:

*“What they’re saying,” she pressed on, “is that last night Voldemort turned up in Godric’s Hollow. He went to find the Potters. The rumor is that Lily and James Potter are — are — that they’re — dead.”*

*Dumbledore bowed his head. Professor McGonagall gasped. “Lily and James... I can’t believe it... I didn’t want to believe it... Oh, Albus...”*

*Dumbledore reached out and patted her on the shoulder. “I know... I know...” he said heavily. (p.7)*

Português:

*- O que estão dizendo - continuou ela - é que a noite passada Voldemort apareceu em Godric's Hollow. Foi procurar os Potter. O boato é que Lílian e Tiago Potter estão... Estão mortos.*

*Dumbledore fez que sim com a cabeça. A Professora Minerva perdeu o fôlego.*

*- Lílian e Tiago... Não posso acreditar... Não quero acreditar... Ah, Alvo.*

*Dumbledore estendeu a mão e deu-lhe um tapinha no ombro.*

*- Eu sei... Eu sei... - disse deprimido.(p.7)*

Neste trecho os professores de Hogwarts, a escola de magia, estão conversando sobre o assassinato dos pais de Harry Potter, notam-se os nomes: Lily e James no original em Inglês depois notam-se nomes muito comuns ao cotidiano brasileiro: Lílian e Tiago, na tradução.

Ao mudar ou abrigar os nomes próprios, pode-se dizer que se tornaram termos domesticados. Além do nome do Professor Dumbledore: Albus no original e Alvo na tradução; assim como a maioria dos nomes dos personagens do livro, esse nome vem do latim e significa claro, branco, alvo<sup>6</sup>. Severus, Minerva, Lucius, Marcus... Bem como os encantamentos usados pelos personagens tais como: *petrificus totalus*, *oculus reparus*, *wingardiun leviosa*.

Não é tão comum encontrar nomes terminados com as declinações do latim, mas sim sua forma já domesticada através dos tempos. A beleza do texto de Rowling esta exatamente ai: a preservação dos termos e nomes latinos e algumas vezes gregos, Draco, Petúnia, Nicolas; para um texto sugere a originalidade ou verossimilhança com a realidade.

A seguir alguns exemplares para ilustrar os termos domesticados na literatura e cinema. A seguir foram retirados das legendas e a transcrição das falas, respectivamente, do filme Tangled (Enrolados)<sup>7</sup> da produtora Walt Disney (2010).

Legenda:

Inglês

*Rapunzel: This is all my fault! She was right. I never should have done this. I'm so sorry, Flynn!*

*Flynn: Eugene.*

*Rapunzel: what?*

*Flynn: my real name is Eugene Fitzherbert. Someone might as well know<sup>8</sup>.*

*Rapunzel: I have magic hair that glows when I sing.*

*Flynn: what?*

Português

*Rapunzel: É minha culpa. Ela tinha razão. Eu não deveria ter feito isso. Me desculpe Flynn.*

*Flynn: José.*

---

<sup>6</sup> Segundo o Dicionário de Significados de Nomes.

<sup>7</sup> GRENO, Nathan , Tangled 2010.

<sup>8</sup> **Might as well** used to suggest that there is no good reason for not doing something

► *I might as well do it all at once.* - poderia até

*Rapunzel: o que?*

*Flynn: meu verdadeiro nome é José Bezerra. Queria que soubesse.*

*Rapunzel: meu cabelo é mágico e brilha quando eu canto.*

*Flynn: o que?*

Falas transcritas:

Inglês

*Rapunzel: This is all my fault! She was right. I never should have done this. I'm so sorry, Flynn!*

*Flynn: Eugene.*

*Rapunzel: what?*

*Flynn: my real name is Eugene Fitzherbert. Someone might as well know.*

*Rapunzel: I have magic hair that glows when I sing.*

*Flynn: what?*

Português

*Rapunzel: Isso é tudo minha culpa. Ela tinha razão. Devia ter ficado em casa. Me des... Me desculpe Flynn.*

*Flynn: José.*

*Rapunzel: O que?*

*Flynn: Meu nome mesmo é José Bezerra. Uma hora você ia descobrir.*

*Rapunzel: O meu cabelo mágico brilha quando começo a cantar.*

*Flynn: Que?*

Venuti diz que:

Sem dúvida, o efeito que produz as maiores conseqüências — e, portanto, a maior fonte potencial de escândalos — é a de formação de identidades culturais. A tradução exerce um poder enorme na construção de representações culturais estrangeiras. A seleção de textos estrangeiros e o desenvolvimento de estratégias de tradução podem estabelecer cânones peculiarmente domésticos para a literatura estrangeira, cânones se amoldam a valores estéticos domésticos, revelando assim exclusões e admissões, centros e periferias que se distancia daqueles existentes na língua estrangeira. As literaturas estrangeiras tendem a ser desvinculadas do seu sentido histórico pela seleção de textos para tradução, afastadas das tradições literárias estrangeiras na quais estabelecem seu significado. (Venuti, 2002 p. 61)

No exemplo acima nota-se o mesmo caso de tradução domesticadora, mas com um agravante maior: Eugene é um nome impopular, constrangedor para a maioria das pessoas jovens de cultura americana. Ao traduzir o filme, a equipe tentou achar um jeito de fazer sentido o fato de o personagem trocar de nome, a solução foi implantar *valores estéticos domésticos* a um nome comum do Brasil – José Bezerra – um ladrão teria que ter um nome marcante, forte como o do personagem de um livro que Eugene, ou José, lia quando garoto no orfanato: *As Aventuras de Flynnegan Rider*; como uma identidade secreta, na qual ele se sentia normal e não o ladrão órfão com um nome incomum.

## 2.2 Inventando Vocabulários

William Shakespeare (1564-1616) representou uma forte influência no desenvolvimento de uma linguagem literária. Sua imensa obra é caracterizada pelo uso criativo do vocabulário então existente, bem como pela criação de palavras novas. Substantivos transformados em verbos e verbos em adjetivos, bem como a livre adição de prefixos e sufixos e o uso de linguagem figurada são freqüentes nos trabalhos de Shakespeare. (Ricardo Schütz, 2008)<sup>9</sup>

Assim como Shakespeare, os tradutores têm o vício de criar novas palavras, palavras estas que só tem sentido em um contexto estrangeiro, que foram criadas especialmente para se nomear algo novo, assim como surgiram expressões no Brasil tais como o pronome de tratamento “*você* ao antigo *vossa mercê*” adaptações como esta são comuns, mas em um contexto fictício como o livro *Harry Potter and the Sorcerer’s Stone (Harry Potter e a Pedra Filosofal)* (1997) a autora cria a palavra *MUGGLE*, deduz-se que significa em inglês, a pessoa que não possui poderes mágicos, uma pessoa normal.

Algumas pessoas acreditam que o nome e seu significado influenciam nas características da pessoa que o tem, mas nem mesmo por isso se chama Gabriel de “o enviado de Deus” ou Emanuel de “Deus está no coração dos homens puros” ou Mateus de “salvação é Deus”, seria muito estranho ouvir:

*Mãe: oh, enviado de Deus, vai à padaria do seu Deus está no coração dos homens puros e traz meia dúzia de pães para o café e não se esqueça do leite!*

---

<sup>9</sup> Site educacional, English made in Brazil: <http://www.sk.com.br/sk.html> criado por Schütz & Kanomata.

*Gabriel: ah, mãe! Manda o "salvação é Deus". Eu fui ontem*

Nos trechos a seguir retirados do referido livro esta a passagem na qual explica o termo usado pela autora.

Inglês

*Harry realized his mouth was open and closed it quickly.*

*"Where was I?" said Hagrid, but at that moment, Uncle Vernon, still ashen-faced but looking very angry, moved into the firelight.*

*"He's not going," he said.*

*Hagrid grunted. "I'd like to see a great Muggle like you stop him," he said.*

*"A what?" said Harry, interested.*

*"A Muggle," said Hagrid, "it's what we call nonmagic folk like them. An' it's your bad luck you grew up in a family o' the biggest Muggles I ever laid eyes on."*

*"We swore when we took him in we'd put a stop to that rubbish," said Uncle Vernon, "swore we'd stamp it out of him! Wizard indeed!"*

*"You knew?" said Harry. "You knew I'm a — a wizard?"*

Português

*Harry percebeu que sua boca se abriu e fechou-a rapidamente.*

*- Onde é que eu estava? - disse Hagrid, mas naquele momento, tio Válter, ainda cor de cera, mas parecendo muito furioso, adiantou-se até a luz da lareira.*

*- Ele não vai - falou.*

*Hagrid resmungou.*

*- Eu gostaria de ver um grande trouxa como você impedi-lo. - respondeu.*

*- Um o quê? - perguntou Harry interessado.*

*- Um trouxa - disse Hagrid - é como chamamos gente que não é mágica como nós. E você teve o azar de ser criado na família dos maiores trouxas que já vi na vida.*



- *Juramos quando o aceitamos que poríamos um fim nessa bobagem – disse tio Válder -, juramos que erradicaríamos isso nele. Bruxo, francamente!*

- *Você sabia? - perguntou Harry. - Você sabia que sou um... Bruxo? (p.27)*

Há duas maneiras que o dicionário ePASSWORD (2005-2009) traduz a palavra trouxa para o Inglês: *swag (n.)* e *bundle (n.)*

<b>Swag</b>	<b>Bundle</b>
<p>[swæ g] <i>noun</i></p> <p>1. stolen goods – botim</p> <p>2. in Australia, a tramp's bundle - trouxa</p>	<p>[□ bandl] <i>noun</i> a number of things bound together</p> <p>▶ <i>a bundle of rags</i> - trouxa</p> <p>1. <i>verb (often with up or together)</i> to make into bundles</p> <p>▶ <i>Bundle up all your things and bring them with you.</i> - entrouxar</p> <p>2. to go, put or send (away) in a hurried or disorderly way</p> <p>▶ <i>They bundled him out of the room.</i> - despachar</p>

J.K. Rowling, inventou a palavra *Muggle*, para especificar as pessoas que não tinham poderes mágicos. Não significa nada, nos dicionários normais, ela criou. Como foi traduzido para o português o vocabulário trouxa parece ofensivo, uma pessoa trouxa é boba, sem malícia, Como se pelo fato de não possuir magia ela não servisse para mais nada.

### 2.3 Domesticando a Bíblia

Venuti diz que nem mesmo a Bíblia escapou da tradução domesticadora, ele não cita trechos específicos, mas sim o contexto no qual ocorreu a situação:

Considerando as controvérsias que cercavam a tradução da da bíblia na Igreja Cristã antiga. A Septuaginta, a versão grega do Velho Testamento preparada pelos judeus helenistas no século 3º a.C., ainda impunha enorme autoridade seis séculos mais tarde: era a base de toda a especulação teológica e exegética, e substituiu o texto hebraico como fonte das traduções latinas que foram amplamente usadas pela congregações cristãs no Império Romano. Santo Agostinho, bispo de Hippo, temia o projeto de São Jerônimo, de traduzir o Velho Testamento diretamente do hebraico porque isso ameaçaria a consistência ideologia e a estabilidade institucional da Igreja. Em carta

a São Jerônimo em 403, santo Agostinho explicou que “muitos problemas surgiriam se sua tradução começasse, a se lida regularmente em muitas igrejas, porque as igrejas latinas ficariam defasadas em relação as igrejas gregas”( WHITE Apud VENUTI, 2002, p. 150)

Segundo ele se São Jerônimo fizesse essa tradução a igreja inteira ruiria, pois de um lado estaria uma tradução, uma tradição e o outro as mudanças. Venuti diz que os fieis abandonariam a igreja, então seria melhor deixar como estava. E São Jerônimo teve que guardar suas traduções para si.

Outro exemplo é o nome do 19º livro da bíblia escrito pelo Apostolo James, que na tradução para o português: Tiago.

A tradução domesticadora, como o observado, pode aparecer e agir dentro de um texto transformando seu significado da base original.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Os textos estrangeiros são, em geral, reescritos para se amoldarem a estilos e temas que prevalecem *naquele* período nas literaturas domesticas [...]” (VENUTI, 2002, p.130)

Como no exemplo de São Jerônimo, algumas traduções domesticadoras se amoldam ao desejo de seu tradutor, mesmo que inconscientemente. Mas Venuti ressalta o valor de um tradutor: “ explorar as maneiras pelas quais a tradução redefine a autoria na literatura e na lei, cria identidades respectivas á diferença social, exige abordagens no ensino da literatura e na pratica filosófica e recomenda novas políticas para editoras e empresas.” (VENUTI, 2002 p. 13)

Assim como o proposto, discutiu-se as formas de se pensar tradução, e suas principais características e intervenções no texto original por termos específicos de uma língua, no caso a língua Portuguesa em textos em língua Inglesa.

Ao abordar o assunto da tradução, este trabalho não esperou desvalorizar ou desmerecer profissão tão querida, mas sim alertar os futuros tradutores e leitores das armadilhas culturais implícitas por uma tradução desvinculada de seu propósito original: mostrar um texto, uma cultura diferente, em toda sua plenitude e originalidade, e não trazer o texto para o entendimento e *bel-prazer* para literatura de massa.

## REFERÊNCIAS

BASSNETT, Susan. Estudos da Tradução, Porto Alegre, UFRGS Editora, 1993.

CAMPOS, Haroldo, Metalinguagem E Outras Metas. Ensaios De Teoria E Critica Literária. São Paulo, Perspectiva, 2010.

FREITAS, Luana Ferreira de, Visibilidade Problemática Em Venuti. Disponível em: <http://www.journal.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/6197/5756> acesso em: 05 de Out 2011

FROTA, Maria Paula, *A Interpretação na Análise de Discurso e nos Estudos da tradução.* Disponível em: [http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Maria\\_paula.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/interpretacao/Maria_paula.pdf) acesso em: 13 de Out 2011.

GRENO, Nathan , Tangled [filme], produtora Walt Disney 2010.

ORLANDI, Eni P. O que é lingüística? São Paulo, Brasiliense, 1989.

ROWLING, J.K, *Harry Potter and the Sorcerer's Stone.* Disponível em: <http://search.4shared.com/q/1/harry%20potter> acesso em: 18 de jul. 2011

ROWLING, J.K, Harry Potter e a Pedra Filosofal. : Editora Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. Significado de nomes. Disponível em: <http://www.significado.origem.nom.br> acesso em 31 de Nov. de 2011

SILVA, Patrícia Mara da, O resíduo e a singularidade – Possíveis fatores que determinam as marcas do tradutor na tradução. Disponível em:<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/o-residuo-e-a-singulariedade>

Schütz & Kanomata, English made in Brazil. Disponível em: <http://www.sk.com.br/sk.html>. Acesso em 28 de Nov. de 2011.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia M. Villela, Marileide D. Esqueda e Valéria Biondo. Bauru,SP: EDUSC, 2002.